



Mestrado em Arte e Património: no Contemporâneo e Actual

Maria Eduarda Correia Teixeira de Almada

□□□□□□□□ UMA CASA NA FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO

Projecto

Espaço Galeria – Restaurante e /ou Outros Serviços

Sob Orientação do Professor Doutor Rui Carita

Funchal, Outubro de 2008

Sempre estamos a procurar delimitar e perceber os espaços que organizam o universo onde projectamos os conceitos aprendidos e com os quais, ao mesmo tempo, nos construímos.

Joaquim Pais de Brito

Em memória de:

João Pinto Correia

Eduarda de Jesus Pinto Correia

Gilberta Aurélia Pinto Correia

Agradecimentos

Queremos expressar o nosso agradecimento, de um modo geral, a todos aqueles que, com as suas sugestões, críticas e disponibilidade, permitiram a continuidade do projecto.

Sobretudo agradecemos o incentivo e o apoio nos momentos de maiores incertezas, o que nos ajudou a continuar com persistência ao longo desta investigação.

Uma palavra de apreço aos responsáveis dos Espaços/Galeria pela colaboração.

Obrigada por continuarem a acreditar no nosso projecto.

Resumo

O presente trabalho insere-se no âmbito do Mestrado em *Arte e Património, no Contemporâneo e Actual*. Pretende-se com este *estudo caso* valorizar uma antiga casa, dos finais do século XIX, que até muito recentemente serviu de residência de família.

Hoje, cremos ser necessário repensar a actualidade, colocando a hipótese da valorização destas habitações e a sua preservação. Reflectir a sua reutilização, apostando noutras iniciativas multidisciplinares, onde as áreas da cultura e do lazer possam coexistir, e permitir, assim, a sua sustentabilidade. Deste modo, pretendemos elaborar um projecto, um espaço inovador, alternativo; criar um espaço Galeria – Livraria – Restaurante e/ou outros serviços contribuindo assim para o desenvolvimento local – Freguesia de Santo António – mas também para toda a Madeira.

Ao investir nas áreas da cultura e do lazer, ambicionamos atrair o público e possibilitar que os visitantes possam usufruir de eventos e encontros significativos, bem como a oportunidade de um maior convívio social e cultural, proporcionando a interacção e as aprendizagens informais.

Na primeira parte, tratamos de alguns aspectos relacionados com a sociedade actual e a cultura. Também fazemos um breve estudo sobre a evolução do Espaço Galeria em Portugal e apresentamos alguns espaços da actualidade, quer em Portugal Continental quer na Madeira.

A segunda parte, refere-se ao local de implementação do espaço – dinamização de espaços e actividades culturais na Freguesia de Santo António; criação e apresentação do espaço – estudo caso: Reabilitação - a primeira ideia/ Ante Projecto.

Abstract

This work is inserted in the extend of the master degree in art and patrimony, in the current and contemporaneous.

The purpose of this study case is to value an old house from the XIX century, that until recently has been used as a family home.

Nowadays we believe that it is important to rethink the present time, and to give these houses the chance of preserving themselves and their own value. Thinking on their reutilization and trying other multidisciplinary issues, where subjects like culture and leisure can cope together and allow its sustainability.

The intention is to elaborate a project, a new alternative space, a Gallery Space – Library – Restaurant and/or other services, contributing for the local development of Santo António, as well as the rest of the island.

When investing on the areas of culture and leisure the ambition is to attract more audience and to make possible for the visitors the use of events, as well as the opportunity of a major social and cultural intercourse, making possible interactions and informal learning's.

First of all we deal with aspects related with the actual culture and society. We will also make a brief study on the evolution of the Space Gallery in Portugal and we will introduce some of the actual spaces, both in Portugal and Madeira.

Secondly, we mention the local where the space will be placed, plus the dynamics of spaces and cultural activities in Santo Antonio, as well as the creation and the presentation of the space – the first idea – Pre-project.

Índice

INTRODUÇÃO	7
------------------	---

PARTE I – A divulgação de hábitos culturais

1. O PÚBLICO E O ACESSO À CULTURA.....	9
1.1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE ACTUAL E A CULTURA	10
1.2. PROBLEMÁTICA DO ACESSO À CULTURA	12
1.3. EM TORNO DOS CONCEITOS: PÚBLICO E FRUIDOR.....	13
2. ALGUNS APONTAMENTOS – A GALERIA DE ARTE COMO ESPAÇO.....	15
DE EXPOSIÇÃO.....	15
2.1. EVOLUÇÃO DO ESPAÇO GALERIA EM PORTUGAL	15
3. ALGUNS ESPAÇOS ALTERNATIVOS. CARACTERÍSTICAS E FRAGILIDADES.....	17
3.1. EM PORTUGAL CONTINENTAL	17
3.1.1. O espaço <i>Maus Hábitos</i> – Um prédio recuperado.....	17
3.1.2. O espaço <i>Casa da Cerca</i> -Uma antiga quinta recuperada.....	19
3.2. NA MADEIRA.....	27
3.2.1. <i>Porta 33</i>	27
3.2.2. <i>Galeria Café</i>	28
3.2.3. <i>ChocolArte</i>	29
3.3. A FRAGILIDADE DESTAS ESTRUTURAS	36

PARTE II – Dinamização de espaços e actividades culturais

1. ESPAÇOS E ACTIVIDADES CULTURAIS NA FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO.....	38
1.1. <i>Juventude Antoniana</i>	38
1.2. <i>Centro Cívico</i>	40
1.3. <i>Casa do Povo</i>	40
1.4. <i>Centro Cultural</i>	41
1.5. <i>Centro de Dia</i>	42
1.6. OBJECTIVOS DESTES ESPAÇOS.....	43
2. CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO – GALERIA E OUTRAS ACTIVIDADES “REMODELAR”?	
“RECUPERAR”? “REABILITAR”?	50
2.1. UMA CASA NA FREGUESIA DE S. ANTÓNIO.....	50
2.1.1. Breve enquadramento histórico da época da construção do imóvel	51
2.1.2. Breve estudo arquitectónico do imóvel	54
2.1.3. “Remodelar”, “Recuperar”, “Reabilitar”	61
2.2. REABILITAÇÃO / INTERVENÇÃO NUM EDIFÍCIO CONSTRUÍDO	64

2.2.1. Protecção do património	65
2.2.2. O local de implementação do projecto	68
2.2.3. Apontamentos para um projecto	71
2.2.3.1.A primeira ideia/Ante projecto).....	72
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
BIBLIOGRAFIA	77
ANEXOS	81

Introdução

Repensar a actualidade, criar oportunidades para que a sociedade tenha uma *melhor qualidade de vida* é o ponto de partida da nossa investigação.

A criação de um espaço alternativo, que se integra num conjunto de intervenções a nível cultural, onde se pretende, por um lado, *valorizar o património*, e por outro, facilitar o *acesso à cultura*. Um edifício que, na sua génese, não pretendia *ser cultural* mas que fruto de um desejo pessoal adquire uma nova utilidade.

Iremos centrar a nossa atenção em propostas actuais de espaços alternativos, em Portugal Continental e na Madeira. Pesquisar e encontrar possíveis respostas para as questões que se poderão colocar relativamente à organização e à concepção desses espaços. Quais as suas características e suas actividades culturais? A reacção do público e a sua importância? Qual o futuro destes espaços? Os prós e contras para a sua sustentabilidade?

Também iremos apurar os vários espaços e actividades culturais que encontramos na Freguesia de Santo António, local de implantação do espaço. Assim, poderemos verificar se a Freguesia necessita ou não de outros espaços e/ou actividades culturais.

Para a elaboração deste trabalho utilizaremos várias metodologias, das quais relevamos a pesquisa de campo e/ou a observação directa, incidindo, mais propriamente, em entrevistas. Contudo, a recolha de informação elaborada através da Internet, bem como de artigos publicados em jornais e/ou revistas, serão relevantes.

O nosso intuito é procurar que haja uma investigação, onde a prática cultural seja um ponto de colaboração, para que assim possamos encontrar formas de *fixar e alargar os públicos*.

Por fim, faremos uma abordagem sobre reabilitação de edifícios e apresentaremos um ante – projecto, a primeira ideia, para o nosso estudo caso – a concepção de um espaço alternativo.

PARTE I – A divulgação de hábitos culturais

1. O Público e o acesso à cultura

“ (...) O ponto de partida é o modo como se estrutura a oferta cultural de uma sociedade (com o património histórico, a criação contemporânea e a que se recebe de outras culturas) e como ela se interage com os hábitos de consumo e a capacidade de absorver da população (...) Os actores da política cultural – sobretudo estatais e sociais, em colaboração com os privados – devem se perguntar como promover os diversos patrimónios contidos na sociedade, abrindo espaço para as diferenças não reconhecidas, para as inovações imprevisíveis”¹

Na sequência destas ideias, a criação de um espaço alternativo integra-se num conjunto de intervenções a nível cultural que visam, por um lado, a valorização do património – arquitectónico neste caso – e, por outro, facilitar o acesso à cultura, usufruída num edifício que na sua génese não pretendia ser cultural mas que, fruto de um desejo pessoal, ganha uma nova utilidade.

Há que repensar a actualidade, procurar criar oportunidades. Nos seus escritos em *Ser feliz é imoral?*, António Pinto Ribeiro refere, e bem que:

“É necessário interromper o ciclo viciado e vicioso que aparece sempre a justificar, ao nível da escola, a falta de uma participação moderna dos cidadãos na vida cultural. Ou seja: é necessário pensar que parte substancial da vida cultural moderna implica novas abordagens e temas no interior de uma cultura. São exemplos a

¹ CANCLINI, Nestor Garcia – *A Globalização Imaginada*, São Paulo, Brasil, Editora Iluminuras Lda., 2003, p., 177.

*relação da arte com a paisagem contemporânea, a cultura actual que decorre das preocupações ecológicas e ambientais, o multiculturalismo (...)*².

Neste sentido, na actualidade, a *qualidade social* é hoje um facto que passa pela responsabilidade de todos nós. Não apenas de instituições como a escola, mas, voltando a referir António Pinto Ribeiro, “*é possível conceber espaços onde aconteçam as obras de culto pelas quais uma determinada comunidade se identifica, se reconhece e se revitaliza.*”³

1.1. Algumas reflexões sobre a sociedade actual e a cultura

Antes de mais, julgamos ser necessário abordar conceitos de cultura e desenvolvimento, já que a inter-relação dos mesmos é importante para a compreensão da sociedade actual. Pensamos que estes conceitos definidos por Augusto Santos Silva em “*Cultura e Desenvolvimento – Estudos sobre o ser e Agir*” são os que mais se adequam aos nossos propósitos. Assim:

*“Se assumirmos os dois conceitos nos seus sentidos mais latos, tomando por cultura um conjunto complexo e dinâmico de significações, padrões de conduta, práticas obras e instituições, e reservando a palavra desenvolvimento para conotar, ao mesmo tempo, os processos e os projectos de formação ou transformação social, a sua relação recíproca torna-se evidente.”*⁴

A questão da relação entre sociedade actual e cultura, numa perspectiva alargada, leva-nos a crer, citando novamente o escritor atrás referido: “ (...) *que a cultura é o «lugar» mais adequado para pensar a integração das múltiplas dimensões do desenvolvimento.(...) Neste sentido, todas as iniciativas, sejam elas públicas ou privadas, deverão ter como princípio base a alteração/transformação de padrões de*

² RIBEIRO, António Pinto, *Ser feliz é imoral? Ensaios sobre cultura, cidades e distribuição*, Lisboa, Edições Cotovia, Lda., 2000, p., 14.

³ *Idem*, p., 15.

⁴ SILVA, Augusto Santos, *Cultura e Desenvolvimento: Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*, 1ª Edição, Celta Editores, Lda., Setembro de 2000, p., 1.

conduta, com vista ao desenvolvimento das populações, não esquecendo a satisfação das suas necessidades, aspirações, interesses e projectos numa constante dialéctica entre o “comportamento e o modelo de comportamento, a escolha e a razão da escolha” tornando assim a cultura num acontecimento visível, «palpável» – baseado nas relações sociais – e não apenas limitado ao plano teórico, das ideias.

É perceptível a interligação e/ou fusão entre estes conceitos, no seu sentido mais amplo. A partir deste enquadramento conceptual, procuramos reflectir sobre problemáticas da sociedade actual e da cultura.

Ao falarmos de cultura e referenciando novamente Augusto Santos Silva: “A cultura abrange as práticas simbólicas do homem, «os modos de», os códigos estruturadores da conduta, e, desse prisma, o que está em jogo é a criatividade social e com ela a autonomia (relativa) dos grupos perante os constrangimentos físicos. Pode-se, na sequência, falar em elementos da cultura, distinguir: «componentes» (linguagens, técnicas, saberes, crenças, expressões e percepções artísticas, actividades lúdicas...); «formas» de produção (processos de criação, de difusão e consumo/ apropriação de bens, de socialização...); «níveis» de investimento e reconhecimento social das práticas (cultura «cultivada», padrões de conduta quotidiana, «contra – culturas», culturas profissionais...), etc. (...) a diversos «graus», cultura é tudo isto ao mesmo tempo e em tudo isto tem uma relação crucial com o desenvolvimento: matriz de condutas, sim, mas ainda conjunto de bens produzidos em sede própria e com títulos de legitimidade próprios; artes diárias de ser, fazer e saber e competências consagradas; universo de práticas simbólicas socialmente diferenciadas e ainda sistema institucionalizado de criação/ circulação de objectos e ideias – é como sistema aberto de interacção (conflitual) – entre estes vectores que a cultura devém um processo de identificação, pessoal, grupal, comunitária.”⁵

Deste ponto de vista, e, tendo em conta o quanto é difícil definir exactamente cultura, por esta não ser, obviamente, palpável mas sim uma ideia, fruto do pensamento do Homem, iremos centrar a nossa atenção na importância da acção cultural, perspectivando-se no seu seio uma educação permanente.

⁵ SILVA, Augusto Santos, *Cultura e Desenvolvimento: Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*, 1ª Edição, Celta Editores, Lda., Setembro de 2000, p., 145

Assim procuramos, no âmbito do nosso estudo caso, alertar para a importância de fazer valer uma acção em que os investimentos culturais, como já referido anteriormente, neste caso, visam a valorização do património e de acontecimentos culturais.

1.2. Problemática do acesso à cultura

A questão do “acesso à cultura” e, tendo por base os conceitos referidos anteriormente, leva-nos a pensar que: *“só numa perspectivação cultural do desenvolvimento – só na medida em que o consideramos como processo global de satisfação de necessidades e realização de projectos humanos, para transformação progressiva de formas de vida, e retirarmos disto as respectivas consequências analíticas e estratégias – é que a relevância do desenvolvimento da cultura para o desenvolvimento se torna clara; porque assim percebemos não apenas que as práticas e competências culturais constituem recursos decisivos, mas também que práticas e competências devemos fomentar e/ ou alterar, e em que direcções, para que seus impactos sociais vão no sentido do desenvolvimento.”*⁶

É por isso que julgamos necessário abordar a ideia de educação como processo de formação contínua, que se inicia à nascença e que se mantém enquanto o indivíduo se sentir activo, não esquecendo que a escolarização – aberta, flexível e diversificada – será o primeiro passo para uma educação que se quer permanente, “alimentada” pelas várias oportunidades que a sociedade poderá ou não proporcionar.

Deste ponto de vista, apostar na cultura vale sempre a pena, pois a oferta cultural tem valor em si própria. Mesmo que o público se fique apenas pelo “prazer de conhecer”, poderá ser o primeiro passo para cultivar o “prazer sensorial de sentir” – envolvimento das emoções - na procura de uma aprendizagem constante, de uma qualificação íntegra do cidadão e da sua capacidade interventora.

⁶ SILVA, Augusto Santos, *Cultura e Desenvolvimento: Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*, 1ª Edição, Celta Editores, Lda., Setembro de 2000, p. 151.

Assim, passando pela definição de estratégias – leque diversificado de acções e serviços – a utilizar pelos agentes culturais, se poderá motivar e trazer um número considerável de público que se pretende seja diversificado, não descurando a importância da identidade do público com a iniciativa, mas fornecendo-lhe os elementos próprios que lhe permita a integração no sistema, não apenas como meros “figurantes”, mas estimulando o espírito reflexivo e crítico.

1.3. Em torno dos conceitos: público e fruitor

“A cultura e a arte, neste fim de milénio, só podem ser entendidas como um imenso mosaico de formas microculturais e artísticas, maneiras quase individualizadas de estar na vida e no mundo, que sobrepondo-se como uma imensidão de layers, só revelam o seu todo indissociável, quando, amalgamando-se, se confundem e projectam na própria vida, dela realçando os múltiplos contornos e nuances. Fruto do individualismo, hedonismo e fragmentação pós – modernos, a cultura e a arte comprazem-se, agora, numa reflexão e fruição em que, mais importante que os próprios acontecimentos culturais e artísticos e os objectos artísticos produzidos, é a criação de novos modos de pensar, reflectir, «experienciar», e o estabelecimento de novas filosofias de vida.”⁷

Julgamos que estes conceitos abordados por Idalina Sardinha, em *A Fruição da Arte, hoje*, pela sua forma simplificada e acessível compreensão, vão ao encontro dos nossos propósitos:

“Por fruição entende-se, à partida, de uma forma muito simplificada, a partilha, pelo fruitor, das mesmas visões do mundo criador. O fruitor poderá ou não aderir à obra ou projecto estético – artístico criado pelo artista ou operador estético; poderá gostar ou não da obra criada, reconhecer-lhe ou não qualidade, mas para que, por sua vez, lhe seja reconhecida competência enquanto fruitor, deverá ser capaz de proceder a uma leitura ao nível das estruturas profundas da obra, da pesquisa estética

⁷ SARDINHA, Idalina, *A Fruição da Arte, Hoje*, 1ª Edição, Celta Editora, Junho de 2007, p., 198.

do artista, movimento ou escola artísticos e situá-los nos respectivos contextos, em sentido muito amplo, onde, naturalmente, essas criações e pesquisas tiveram a sua origem e desenvolvimento. Se o não conseguir e à obra e/ou ao projecto estético permanecer estranho enquadrar – se – á nesse grupo bem mais vasto – o público.”⁸

Reflectindo sobre a problemática público e fruidor, julgamos necessário abordar alguns aspectos da sociedade actual. Numa sociedade como a nossa, que se quer participativa e que a acessibilidade aos bens culturais seja mais aberta, urge pensar estratégias para que as pessoas, efectivamente, o possam fazer. Não como meros espectadores e/ou aqueles que simplesmente consomem o que lhes é dado, mas de serem capazes de interiorizar/agir de forma reflexiva.

O proporcionar espaços alternativos, nos quais os acontecimentos culturais estão presentes, poderá ser uma mais valia para, de alguma forma, minimizar comportamentos de renúncia à cidadania e que afectam a nossa sociedade: formas gratuitas de violência, intolerância, bem como um crescente e preocupante dito mundo das drogas.

Estas reflexões advêm da preocupação de encontrar estratégias, de forma a motivarmos as pessoas para uma melhor qualidade de vida. Isto é, procurar chamar a atenção do público em geral que, na sua maioria, não adere a eventos de índole cultural nos espaços afins: museus e galerias, e, até mesmo, dos mais entendidos – fruidores - que também têm revelado menor participação e mesmo algum afastamento.

Contudo, actualmente, denota-se, por parte destes espaços, uma maior preocupação em encontrar formas e/ou estratégias diversificadas, propostas de actividades onde a componente lúdica seja, sem dúvida, um factor extremamente importante, e a educação uma forma mais apelativa para cativar as pessoas de forma que estas possam sentir prazer e usufruir de “bons momentos”.

Assim, pensamos que através de uma acção localizada, empenhada, que valorize a autocrítica, numa perspectiva de desenvolvimento dos nossos conhecimentos, ou seja, reflectindo sobre todo o trabalho efectuado, nomeadamente: a pesquisa –

⁸ *Idem*, p., 1.

trabalho de campo e o aprofundamento dos nossos entendimentos teóricos, são premissas essenciais, para que se possam desenvolver estratégias a fim de atrair o público, que se pretende seja diversificado.

Em seguida iremos apresentar de forma sucinta a evolução do espaço galeria de arte em Portugal, e também apresentaremos alguns espaços galeria na actualidade, em Portugal Continental e na Madeira.

2. Alguns apontamentos – A galeria de arte como espaço de exposição

2.1. Evolução do espaço galeria em Portugal

A Galeria de Arte, entendida como um espaço de exposição, que simultaneamente vende peças de arte ou não e que apresenta exposições temporárias (individuais e ou colectivas) de diferentes campos/meios de expressão, surge, em Portugal, como refere José – Augusto França em, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX (1910-1920)*:

“ (...) a exposição de agora teve efeitos imediatos (...). Dela saiu ainda a fundação de uma galeria de arte, a primeira, pós a experiência da UP em 1933. A Galeria de Março, em dois anos e meio de existência (1952-1954)”. Ainda segundo o mesmo: “A grave crise política” (...), que Portugal atravessa em 58 levaria a que: “Não seria portanto ao nível oficial que os anos sessenta haviam de definir-se, no domínio das artes plásticas – nem, tão pouco, ao nível das iniciativas particulares ou de grupo como acontecera no decénio anterior.”⁹

⁹ França, José – Augusto, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX (1910 – 1920)*, Lisboa, Livros Horizonte Lda., 1º Edição, 2002, pp., 52, 55.

Nos finais dos anos 60 assiste-se a uma aceleração do mercado nacional de obras de arte moderna. O preço das obras de arte aumenta significativamente, tornando-se estas numa forma de investimento com grandes fins lucrativos. Mais adiante, França diz: *“o pioneirismo da galeria de Março nos anos 50 desembocou numa nova fase. Ligadas ainda a livrarias, as galerias deixavam a pouco e pouco de ser meras salas de exposição, excrescências de um comércio mais rico, para se empenharem na prospecção (se não na criação) de uma clientela porém fruste por falta de informação ou de hábitos culturais.”*

Também menciona o facto de como *“casas de artigos decorativos (...) e fizeram-no também antiquários, adequando as suas experiências a novas funções; e o Porto (onde uma só galeria existira durante anos) viu estender-se este fenómeno lisboeta em 1971 – e até cidades da província turística.”*¹⁰

Nos anos 70, delineia-se um crescente aparecimento de mais umas quantas galerias de arte, das quais algumas ainda hoje mantêm a sua actividade.

Após esta fase ascendente de proliferação de galerias, com a revolução de 25 de Abril de 74 e mais ou menos até 77, *“nas incertezas do dia-a-dia, o mercado, aparentemente florescente, mas edificado sobre pés de barro, teve total colapso: marchands desapareceram, galerias fecharam ou minimizaram a acção”*.¹¹

A partir de 1977, embora com alguma lentidão, há de novo uma fase crescente, esta irá acentuar-se no fim da mesma década. Contudo, estas galerias revestem-se de características diferentes, com propostas específicas. Algumas estarão mais viradas para o comércio do objecto artístico, enquanto que outras têm como objectivos, promover as artes plásticas portuguesas, bem como apoiar e divulgar jovens artistas.

Estes espaços têm vindo, já há algum tempo, a ganhar algum protagonismo no que diz respeito a opções de exposição. Na actualidade falamos de espaços alternativos, espaços onde acontecem as mais diversas propostas, na procura de atrair um público

¹⁰ FRANÇA, José – Augusto, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX (1910 – 1920)*, Lisboa, Livros Horizonte Lda., 1ª Edição, 2002, p., 57.

¹¹ *Idem*, p., 63.

para eventos afins. Em oposição à galeria tradicional, surge o espaço alternativo. Quando referimos oposição, é no sentido de que esta deixa de ser um local meramente de exposição para passar a coexistir um conjunto de opções a nível sócio – cultural.

3. Alguns espaços alternativos. Características e fragilidades

3.1. Em Portugal Continental

3.1.1. O espaço *Maus Hábitos* – Um prédio recuperado

Daniel Pires (fotografia 1), em O *PÚBLICO*, datado de 18 de Abril de 2003, refere: “*ter encontrado o local da rua Passos Manuel, com trinta anos de abandono em cima. (...) O contrato de comodato que temos com a senhoria. É ela o nosso mecenas. O facto de não nos cobrar renda é uma enorme vantagem*”. Mais adiante acrescenta, “*Fui obrigado a criar uma associação sem fins lucrativos para poder candidatar-me a subsídios. O estado obriga-nos a criar estas manobras (...)*”¹²

“*É alternativo. É para o dia e para a noite. Serve Copos e arte. Mistura antigo e novo. É o antro dos Maus Hábitos, para todos. Na invicta*”¹³

O *Maus Hábitos* (fotografia 2) abriu ao público em 2001. E, curiosamente, no dia 1 de Abril. É importante referir esta data porque assinala o “dia das mentiras”. E, segundo nos parece, pela pesquisa efectuada, este espaço não se revelou numa *mentira*, muito pelo contrário, como podemos ver num texto, em o *PÚBLICO*, datado de 18 de Abril de 2003, uma referência a este espaço: “*MAUS HÁBITOS e pouco mais.*”

¹² Paulo Pires, citado por PIMENTA Paulo, “*MAUS HÁBITOS, EMPRESA CULTURA À VISTA*”, in *PÚBLICO*, LOCAL 51, 18 de Abril 2003.

¹³ BRANCO, Susana, “*Copos e cultura*”, in *EXPRESSO*, 28 VIDAS, 8 Dezembro 2001.

Inês Nadais menciona, *“Está assim o mapa de espaços alternativos da cidade: de dieta, para não dizer de tanga. Ao longo dos últimos meses, o circuito rarefez-se quase por completo: a Caldeira 213 permanece no congelador espera de melhores dias, o Atmosferas fechou a porta e a associação Sentidos Grátis ficou sem abrigo com o encerramento do Grátislab e está de malas aviadas para uma estadia provisória em Coimbra. O apagão só não é geral porque o Maus Hábitos continua de enchente” (...)* *“Vista à lupa, a oferta de espaços artísticos não convencionais contraiu-se”*.¹⁴

Este espaço situa-se à Rua Passos Manuel no Porto. Fazem parte da direcção: Daniel Pires, Isaque Pinheiro e Mário Canijo. Daniel Pires, fotógrafo, vive no prédio, em espaço particular. Neste prédio, noutros espaços, encontram-se: galerias de arte (fotografias, 3 a 5), estúdios de fotografia, uma oficina, explanadas e um bar (fotografia 6). Este ambiente, dia e noite, é frequentado por artistas plásticos, engenheiros, actores e músicos, onde proliferam as mais variadas actividades, desde ensaios, concertos, montagem, desmontagem, entre outras.

Para Daniel Pires *“trata-se de uma opção assumidamente alternativa, mesmo que não consiga dormir com o barulho da música, dos martelos e berbequins e correndo o risco constante de ver a sua casa ser invadida por estranhos. É uma forma de viver a cem por cento este projecto como diz”*.¹⁵ Com um empréstimo no banco, o fotógrafo, procedeu à remodelação da casa, negociou com a senhoria assumir todas as despesas, em jeito de pagamento de renda durante uns anos.

Podemos consultar o site, www.maushabitos.com, e ter acesso a diversas informações: apresentação do espaço, bem como das suas propostas e actividades. Assim sendo, na apresentação, podemos observar o porquê da escolha do nome *Maus Hábitos*, *“porque a intervenção cultural, para ser socialmente expressiva e fecunda, para que não se esgote na dimensão do meramente decorativo, não pode ser «bem comportada». Deve ser inovadora subversiva, transgressora. Por isso nós chamamos Maus Hábitos, um projecto para quem nenhum horizonte é o último.”*

¹⁴ NADAIS, Inês, “ESPAÇOS ALTERNATIVOS”, in *PÚBLICO*, 50 LOCAL 18 Abril 2003.

¹⁵ Paulo Pires, citado por BRANCO, Susana, “Copos e cultura”, in *EXPRESSO*, 28 VIDAS, 8 Dezembro 2001.

“*Não é uma galeria convencional, mas dispõe de espaços apropriados para receber exposições. Não tem palco de estilo italiano, mas oferece condições para acolher peças de teatro e concertos.*” Continuando, podemos ainda ver que este espaço desenvolve um programa de formação em diversas áreas da criação artística. Caracteriza-se pela sua forma interdisciplinar, uma vez que, desde o início, se reuniram pessoas de diferentes áreas, com formações e experiências diversas, que procuraram desenvolver “*um projecto que lhes sirva e estivesse ao serviço dos outros*”.

Apostam na divulgação de jovens artistas, bem como a de artistas consagrados. Ainda a nível da formação, desenvolve um “programa de formação”, organizando oficinas, dirigidas a profissionais e/ou amadores de diversas áreas: fotografia, dança, teatro, artes plásticas, música e vídeo.

Segundo Daniel Pires “*a principal fonte de financiamento, quer dos artistas, quer do Maus Hábitos, é o bar e o aluguer do espaço*”. Diz que a vertente nocturna surgiu por acréscimo. De início, o bar não fazia parte do projecto, no entanto, acabou por nascer. Também, inclui nos seus serviços aluguer do espaço para eventos desde festas, jantares, lançamento/apresentações de diversos produtos (livros, revistas, vinhos, entre outros), passando por produção de moda ou de catálogos.

3. 1. 2. O espaço *Casa da Cerca* - Uma antiga quinta recuperada

Este espaço, a *Casa da Cerca* (fotografias, 7 a 10), situa-se no centro de Almada. Foi uma antiga quinta de setecentos, onde actualmente se realizam exposições (fotografias, 11 a 14) de desenho, pintura, escultura e arquitectura. Pelo seu interesse histórico e arquitectónico e seu valor patrimonial, esta quinta foi adquirida pela Câmara Municipal de Almada, em 1988. A casa passou por profundas obras de recuperação, em 1992-1993, todavia manteve a sua traça original. Iniciou a sua actividade, em Novembro de 1993, com uma exposição de desenhos de Amadeu de Sousa Cardoso. Desde então, foram realizadas várias exposições, quer individuais quer colectivas.

Segundo Paula Torres, no texto “*A arte do outro lado do rio, esta antiga quinta, situada numa falésia (...)*” transformou-se num centro cultural de divulgação de arte contemporânea, sob a direcção do pintor Rogério Ribeiro.

Este local elege o desenho como prioridade no plano expositivo, esclarece Ana Isabel Ribeiro, assessora da Direcção. “*O desenho é uma expressão plástica plena de autonomia e pretendemos valorizá-lo*”,¹⁶ explica. Foram vários os artistas que por lá passaram desde: Alberto Carneiro, Cargaleiro, Jorge Martins, Pedro Chorão, Maria Keil, VilaNova Artigas, entre outros.

Para além das salas de exposições, a *Casa da Cerca* possui, no espaço circundante, “*onde antigamente exista um jardim romântico, há hoje um Parque de Escultura onde periodicamente se realizam exposições*”.¹⁷ Na Casa da Cerca existe também um “*centro de documentação e informação vocacionado para a recolha e investigação sobre a arte portuguesa dos séculos XIX e XX que inclui além de catálogos de exposições (4500), vários tipos de publicações especializadas, como monografias, periódicos, dossier de artistas diapositivos e cartazes*.”¹⁸

Há a destacar, ainda, a existência de um jardim botânico – “*Chão das Artes*” – cuja inspiração remonta ao modelo tradicional português da quinta de recreio, que faz a ligação entre as artes plásticas e a natureza. “*Pretende fazer uma eleição de todas as espécies relacionadas com as artes plásticas, como a madeira, pigmentos de plantas tintureiras ou linho para telas, explica Ana Isabel Ribeiro, adiantando que se trata de um pequeno anfiteatro de ar livre, e como mais uma via de sensibilização para as artes plásticas e, ao mesmo tempo, para as questões ambientais*”.¹⁹

“*Cada exposição recebe uma média de 800 a mil visitantes, segundo Ana Isabel Ribeiro. A maioria das pessoas que enchem as inaugurações é de Lisboa, mas não é*

¹⁶ Ana Isabel Ribeiro, citada por CARVALHO, Paula Torres, “A arte do outro lado do rio”, in *PÚBLICO*, Cultura 34, 9 Dezembro 2000.

¹⁷ CARVALHO, Paula Torres, “A arte do outro lado do rio”, in *PÚBLICO*, Cultura 34, 9 Dezembro 2000.

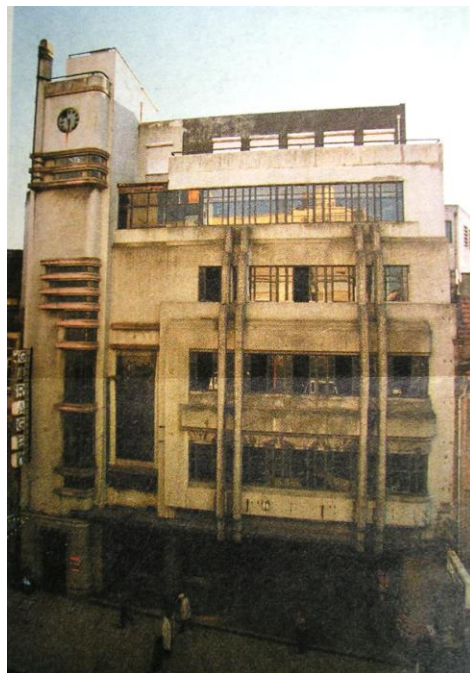
¹⁸ *Idem*.

¹⁹ Ana Isabel Ribeiro, citada por CARVALHO, Paula Torres, “A arte do outro lado do rio”, in *PÚBLICO*, Cultura 34, 9 Dezembro 2000.

*objectivo principal dos responsáveis da Casa da Cerca é captar o público da capital, antes da Zona da Margem Sul” (...).*²⁰

A conjugação das suas actividades culturais com as da autarquia visa a ligação com a cidade de Almada, cedendo assim o seu espaço para organização de conferências e de diversos tipos de espectáculos, embora, no seu programa, a prioridade seja com as escolas da zona. Esta aposta visa, sobretudo, “*Educar a sensibilidade das crianças e adolescentes para as várias temáticas em exposição.*” O seu programa educativo conta com visitas guiadas e a organização de ateliers. Os alunos do ensino básico e secundário podem participar explorando os temas e trabalhando com diversos tipos de materiais. Os resultados, por vezes, são expostos numa das salas.

²⁰ *Idem*



1- Daniel Pires. 2 – Espaço Maus Hábitos. Fotografia de Rui Duarte Silva.



3



4



3, 4 e 5 – Pormenores do espaço galeria *Maus Hábitos*. Fotografia de Eduarda Almada.



6-*Maus Hábitos*. Espaço bar. Fotografia de Rui Duarte Silva.



7



8



7 a 10 – Pormenores do exterior da *Casa da Cerca*. Fotografias de Eduarda Almada.





12



11 a 14 – Pormenores do espaço galeria *Casa da Cerca*. Fotografias de Eduarda Almada.

3.2. Na Madeira

3.2.1. Porta 33

Esta galeria fica situada à Rua do Quebra Costas Funchal. Iniciou a sua actividade em 1989 e assume-se como uma associação cultural de Utilidade Pública, sem fins lucrativos. Tem como directores: Cecília de Freitas e Maurício Pestana.

Segundo entrevista feita a Maurício Pestana, a galeria (fotografias, 15 a 21) tem vindo, desde 1993, a ser apoiada (*apoio simbólico*) pelo Governo Regional da Madeira, pelo Ministério da Cultura (o qual foi suspenso em 2006 porque *estes apoios dizem respeito apenas a Portugal Continental*) e pela Câmara Municipal do Funchal. Segundo o mesmo, esta problemática irá, de certeza, afectar e levantar problemas inerentes ao facto.

A sua linha de acção desenvolve-se: *“convidando os artistas a realizarem exposições concebidas para os seus espaços e, sempre que possível, a partir das vivências por eles experimentadas na ilha”*.

Tem apoiado artistas portugueses nos seus contactos com o estrangeiro e também tem desenvolvido uma atitude de intercâmbio cultural com outras galerias. Desenvolve ainda um projecto de divulgação, procurando organizar, com frequência, conferências sobre o trabalho dos artistas, bem como promover visitas guiadas às exposições. Mantém um centro de documentação contemporânea.

Nesta entrevista, Maurício Pestana, questionado sobre critérios usados para que um artista possa expor nesta galeria, refere que: *“neste universo complexo, há que ter uma série de factores em conta, nomeadamente: saber Quem é Quem, com base em duas premissas, a informação e o conhecimento. Pelo menos, ao nível do território português, existem mecanismos que legitimam e dão autenticidade às práticas*

artísticas. O artista tem de ser reconhecido pelos outros artistas (deu exemplos como Lurdes de Castro e Pedro Cabrita Reis), a opinião de um artista conceituado é muito importante”.

Referiu que às exposições realizadas antecede uma inauguração por convite, com o artista presente e, por vezes, acompanhados de um crítico, ensaísta, entre outros.

Tem apresentado exposições de pintura, escultura, fotografia, instalação, “performance” “art vídeo,” entre outros.

Por esta galeria têm passado artistas consagrados tais como: Alberto Carneiro, Francisco Tropa, Julião Sarmento, Pedro Cabrita Reis, Rui Carvalho, Rui Toscano, Susana Solano, entre outros.

3.2.2. Galeria Café (Fotografia 22)

Empresa pertencente a Norberto Freitas. Situa-se na Ponta Delgada, mais precisamente, na curva que antecede a recta, quando chegamos ao centro desta freguesia. Iniciou a sua actividade, há relativamente pouco tempo. A 27 de Setembro de 2006, este espaço foi inaugurado com uma exposição retrospectiva da pintora Élia Pimenta.

Partilha o espaço de exposição com o café (fotografias, 23 a 28). Este dá-nos, no seu conjunto, um certo dinamismo próprio de um espaço galeria. Para além da referida exposição, seguiu-se uma outra, de fotografia, subordinada ao tema “Chaminés da Ponta Delgada” do arquitecto Rui Nelson.

Ao entrevistar o seu proprietário, este referiu que, no que diz respeito à área cultural, esta faz-se acompanhar por uma equipa técnica. No futuro, o intercâmbio cultural com outras galerias é uma possibilidade. Salientou a necessidade de descentralizar este tipo de actividades dos grandes centros urbanos. Também disse que, paralelamente, na sua linha de acção, este espaço também integra, por vezes, animação com música ao vivo. Este espaço, enquanto galeria, pretende, sobretudo, apoiar e lançar

novos artistas; divulgar e, também, promover as artes plásticas; procurar sensibilizar um público pouco habituado a conviver com a Arte.

3.2.3. *ChocolArte* (fotografia 28)

Empresa pertencente a Gregório Alves Teixeira / Comércio de Produtos Alimentares Unipessoal, Lda. Situa-se à rua Conselheiro José Silvestre Ribeiro, número 23, no Funchal. Iniciou a sua actividade há cerca de um ano e meio. A parte cultural/marketing é da responsabilidade de Tozé Cardoso. O Café partilha o seu espaço com o de exposição (fotografia 29 a 31) Este, por ser relativamente pequeno, apenas consegue expor *o quadro na parede*. Para além destes eventos, o mesmo referiu que sempre que possível integram actividades musicais, dando o exemplo de dois minis concertos, realizados com duetos de música clássica, com vertente étnica.

Tozé Cardoso disse ainda que este espaço está aberto para dar oportunidade a artistas locais e/ou estrangeiros na divulgação dos seus trabalhos, nomeadamente lançar novos artistas. Contudo, referiu ser necessário fazerem-se acompanhar do seu percurso curricular, assim como fazer uma selecção prévia de escolha, atendendo ao espaço reduzido. Também explicou que a programação das exposições é anual, sendo marcado o primeiro Domingo de cada mês para início da exposição. A calendarização já está completa até Novembro de 2007.

No seu programa também apoiam e divulgam exposições referentes a alunos com deficiência – Direcção de Artes e Criatividade da Educação Especial.

Tozé Cardoso salientou que num total de onze exposições ultrapassou as expectativas de vendas, que rondaram um total de cinquenta por cento. Nesta sequência disse que a comissão pelas vendas não é com fins lucrativos, mas funciona como ajuda de custos com despesas referentes à parte gráfica e de montagem das exposições.

O espaço é reduzido mediante a procura para este fim (expor trabalhos).



15, 16 – Pormenores do exterior do espaço *Porta33*. Fotografias de Eduarda Almada.



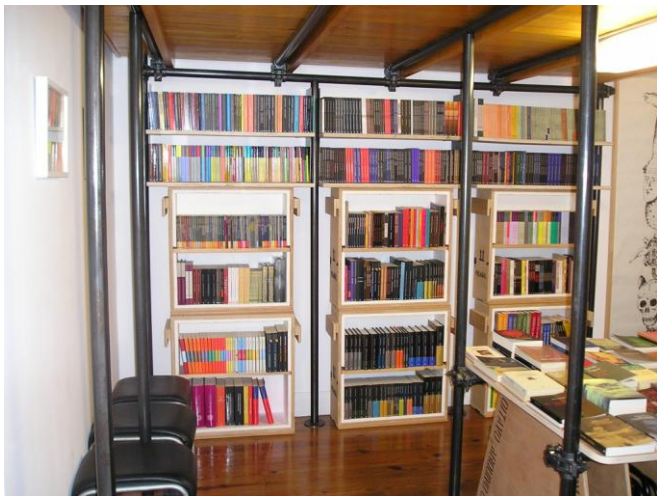
17, 18 – Pormenores do espaço galeria *Porta33*. Fotografias de Eduarda Almada.



19



19,20– Pormenores do Acervo, *Porta33*. Fotografias de Eduarda Almada.



21 – Pormenor da Livraria, *Porta33*. Fotografia de Eduarda Almada.



22 - Espaço *Galeria Café*. Fotografia de Eduarda Almada.



23



24



25



26



23 a 27 – Pormenores do espaço *Galeria Café*. Fotografias de Eduarda Almada.



29



30



28 a 31 – Pormenores do espaço *ChocolArte*. Fotografias de Eduarda Almada.

3.3. A fragilidade destas estruturas

Este tipo de estruturas revela alguma fragilidade, no que se refere ao ciclo de vida. Segundo estudo efectuado por Rita Fabiana, autora de um trabalho sobre *Espaços Alternativos em Portugal* no quadro de uma pós – graduação em Curadoria e Organização de exposições da Faculdade de Belas – Artes da Universidade de Lisboa, explica porquê: *“São normalmente pequenas associações, estruturas periclitantes de condição jurídica privada. A rede de espaços alternativos é um tecido frágil – até porque raramente as artes visuais possuem uma capacidade sólida de auto – financiamento. É por isso que o espaço alternativo por excelência no nosso país, a Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, optou por outra via: é cada vez mais um espaço de programação de músicas alternativas. Assim é mais fácil cobrar o bilhete”*. Ainda segundo a mesma, *“apesar da crise, o circuito portuense é o mais representativo do país em termos quantitativos.”* Continuando, diz que *“no Porto, o fenómeno apareceu muito ligado à Capital Europeia da Cultura, embora os responsáveis por estes espaços garantam que não”*. Refere ainda que *“é preciso frisar que estamos aqui no terreno da iniciativa privada com dinheiros privados – e, nisto, o Porto tem um historial que Lisboa não possui. As estruturas de Lisboa são muito mais subsidiadas”*.²¹

Na nossa opinião e de acordo com Daniel Pires o segredo do sucesso está na fusão – e no ambiente *salão de visitas* que o seu espaço conseguiu criar. Como diz *“não sei se as pessoas viriam cá se o Maus Hábitos fosse apenas um bar e não tivesse um programa de exposições. Sei é que, quando não há concertos, o público diminui consideravelmente. Segundo o mesmo “a arte não tem de ser uma coisa dietética. É isso que falta, e as pessoas começaram a perceber isso: que é desconfortável ir ao teatro e depois não haver ali um bar onde se possa tomar um copo ou matar a fome.”*²²

²¹ Rita Fabiana, Citada por NADAIS, Inês, “ESPAÇOS ALTERNATIVOS”, in *PÚBLICO*, 18 Abril 2003, LOCAL 50

²² Paulo Pires, citado por NADAIS, Inês, “Copos e cultura”, in *EXPRESSO*, 28 VIDAS, 8 Dezembro 2001.

Pensamos que este tipo de espaço alternativo poderá ser útil, como estratégia, para atrair um público pouco habituado a conviver com a arte. Que provavelmente, o espaço ideal será onde coexistam galeria e outras actividades comerciais tais como café /restaurante, não esquecendo porem, que a música tem um papel fundamental para a sobrevivência destes espaços.

A fragilidade orçamental destas estruturas só poderá ser colmatada se houver um plano estratégico de apoio, de marketing, como suporte para os eventos culturais. Claro, será escusado dizer, que muitos poderão não estar de acordo com *a mistura da arte* e essas possíveis actividades comerciais. Mas como diz António Pinto Ribeiro em *Ser feliz é imoral (...)* “*é possível conceber espaços onde aconteçam as obras de culto pelas quais uma determinada comunidade se identifica se reconhece e se revitaliza*” (...)*“É então desejável que, a par das programações institucionais, haja programações amadoras, alternativas, exposições em sítios não convencionais*” (...). Assim estes espaços poderão ser úteis para a divulgação da Arte, bem como contribuir para que a comunidade possa conviver em ambiente festivo, onde a **ARTE** acontece ligada ao quotidiano, à **VIDA**.

PARTE II – Dinamização de espaços e actividades culturais

1. Espaços e actividades culturais na freguesia de Santo António

A Freguesia de Santo António é dotada de alguns espaços culturais que têm nos seus projectos as mais variadas actividades. Passamos a referenciar alguns desses espaços: *Juventude Antoniana; Centro cívico; Casa do Povo; Centro Cultural e Centro de Dia.*

Estes espaços encontram-se no activo, embora com muitas dificuldades, uns mais que outros, procuram cativar as pessoas para as suas iniciativas culturais.

Numa primeira análise, foi-nos possível constatar que existe alguma diversidade no que diz respeito a actividades culturais. Contudo, um grande número de pessoas não tem conhecimento das mesmas, embora estas sejam divulgadas, e até alguns destes espaços disponham de alguma divulgação na Internet.

Passaremos a uma breve apresentação destes espaços e às actividades realizadas pelos mesmos.

1.1. *Juventude Antoniana* (fotografias 32 a 34)

A Juventude Antoniana foi fundada pelo Dr. William Edward Clode, inaugurada a 19 de Março de 1932. De início, esta era uma associação só para homens, com várias iniciativas culturais como são exemplo a música e o teatro. Actualmente, esta associação é aberta a qualquer pessoa, como sócio ou a participar nas suas actividades.

Na procura de manter um espírito lúdico – social, apostando no convívio, como faziam no passado, tentam motivar e chamar a atenção, nomeadamente dos mais jovens, para a participação nas actividades culturais.

Segundo o actual presidente da associação, José Manuel Pereira, hoje em dia, há um maior número de pessoas que têm participado nas actividades, pese embora ainda não terem alcançado os resultados desejados, no que se refere a um público mais participativo. Referiu que a abertura da associação a novos elementos permitiu uma maior dinâmica, criando novas actividades, despertando, deste modo, maior interesse nas pessoas.

Algumas das actividades realizadas por esta associação são: grupo coral; danças; noites de fado; música; exposições; biblioteca; curso de inglês; espaço Internet, entre outros. Ainda nas suas instalações, existem um bar e salão de jogos.

A Juventude Antoniana, actualmente, relançou a revista “JAgora”, sensivelmente, dez anos depois, decidiram dispor deste espaço informativo, ou folhetim informativo, a fim de procurar divulgar e dinamizar a cultura na Freguesia de S. António. A 2ª edição da revista “JAgora” teve lugar em Maio de 2007, verificou-se uma maior projecção por ocasião das comemorações dos 75 aniversário as quais dois programas da televisão Regional (“Atlântida e Madeira em Directo”) fizeram questão de assinalar. No entanto, é importante referir que não seria possível a sua realização se não fossem as ajudas financeiras e os apoios de algumas empresas privadas.

Os sócios podem colaborar na revista, escrevendo crónicas, realizando entrevistas, reportagens, entre outros. Este espaço é um dos poucos, da localidade de Santo António, que procura ultrapassar as dificuldades existentes. As ajudas, por parte de instituições, são muito poucas. Esta associação tem procurado apoios e ajudas financeiras em empresas privadas.

1.2. *Centro Cívico* (fotografias 35 a 41)

Este centro, espaço recente e moderno, cuja abertura se realizou a 13 de Junho de 2005, actualmente não tem realizado muitas actividades culturais, apesar de Marcelino Andrade, Presidente da Junta de Freguesia de S. António, afirmar que o centro está direccionado para a cultura aderindo e promovendo iniciativas culturais.

Neste espaço, encontramos um núcleo museológico, no qual se realizaram diversas exposições: imagens do Menino Jesus; candeeiros e exposição de pintura.

O centro proporciona aulas de ginásio, as quais revelam alguma adesão por parte de adultos e idosos. Brevemente, também irão iniciar aulas de ginástica para um público mais jovem.

De momento, algumas pessoas participam em actividades nas épocas festivas: Carnaval, Natal, Marchas Populares, entre outras.

É possível constatar que no centro cívico, como nos outros espaços, as pessoas que participam nas actividades, na maioria, são adultos e idosos.

Em nossa opinião, a Junta de Freguesia deveria apostar mais em actividades culturais e/ou elaborar um plano cultural, de forma a conquistar, também, as camadas mais jovens.

1.3. Casa do Povo

A Casa do Povo é de todos os espaços, por nós mencionados, o mais antigo. Aposta nas suas actividades para incentivar as pessoas a frequentá-la, contudo, também revela problemas, no sentido de trazer os mais jovens para os seus projectos.

Actualmente, apostam na criação de alguns cursos, como são exemplo: corte e costura; arranjos florais; culinária, entre outros.

Esta casa tem passado por algumas dificuldades, não só quanto à divulgação das actividades, como também ao nível financeiro. Para além de uma relativa autonomia, algumas ajudas financeiras são de todo indispensáveis para realizar as suas actividades.

No que se refere à divulgação, verificamos que esta não dispõe de Site na Internet. Muitas pessoas desconhecem as suas actividades, assim como a sua localização.

É possível encontrar neste espaço uma biblioteca reorganizada pelo actual presidente, Jaime Correia, que, segundo o mesmo, contém livros muito antigos, alguns deles sobre o Arquipélago da Madeira, que se encontravam guardados, em caixotes, no sótão da Casa do Povo.

1.4. *Centro Cultural* (fotografias 42 a 48)

Este é um espaço recente que foi inaugurado a 18 de Julho de 1996. Fica situado nas zonas mais altas da Freguesia de S. António, talvez por isso a maior parte das pessoas não conheça a sua existência. O edifício encontra-se bastante degradado, contudo revela bons espaços, tais como uma sala de teatro, relativamente grande, para além de salas de aula.

Actualmente, este centro tem no seu programa actividades, nomeadamente: aulas de bandolim e viola; grupo folclórico; jogos de ténis de mesa; grupo de danças, teatro, entre outras, as quais revelam alguma participação por parte de jovens e adultos.

Podemos ter acesso às actividades realizadas, bem como ao seu historial, através do Site na Internet.

Em 2005, procuraram organizar um novo projecto que visava a melhoria de instalações, apostando na qualidade para os frequentadores deste espaço. Contudo, actualmente, este projecto ainda não mereceu qualquer aprovação pela falta de ajudas financeiras.

Como os outros espaços, este também, procura lentamente sobreviver, com o objectivo de proporcionar algum lazer e convívio aos seus visitantes.

1.5. Centro de Dia (fotografias 49 a 52)

Ao contrário dos outros espaços já referidos, este está voltado para as pessoas mais idosas. A filosofia do espaço é procurar dar uma melhor qualidade de vida aos frequentadores deste centro. O mesmo abriu ao público a 14 de Outubro de 1996. Actualmente, as actividades exercidas são: Sala de convívio/jogos, encontros com outros idosos, passeios a pé pela freguesia de Santo António, colónia de férias ao Porto Santo (anual), aulas de ginástica e, ainda, actividades manuais para as várias épocas festivas; visitas a museus e bibliotecas. Recebem a visita de contadores de histórias, as quais são muito apreciadas por parte dos idosos.

Outra actividade que pode ser usufruída é o espaço Internet, embora este não seja muito apreciado e utilizado pelos visitantes.

A participação nas actividades é bastante boa, apreciam sobretudo, os passeios a pé, o convívio com os outros idosos e a execução de trabalhos manuais. Salientamos, no entanto, que se denota uma maior adesão por parte do público do sexo feminino.

Apesar de algumas dificuldades, o centro procura estar voltado para ajudar estes idosos, dando-lhes o máximo de conforto alegria e prazer, ou seja, uma melhor qualidade de vida.

1.6. Objectivos destes espaços

Após análise, às entrevistas efectuadas, foi possível constatar que todos os espaços têm como objectivo primordial incentivar as pessoas para participarem nas suas actividades culturais.

Sentimos, contudo, que existe alguma competição entre estes espaços: todos procuram divulgar as suas actividades, e, trazer o maior número possível de visitantes, para que assim possam sobreviver.

Presentemente, estes espaços, na procura de subsistirem, compreenderam que já não é de todo possível contar com ajudas governamentais ou da Igreja, por isso lutam, autonomamente, para atingirem os seus objectivos.

Todos consideram que o mais importante é ir ao encontro das necessidades das pessoas. Procurar inovar, e criar propostas diversificadas, onde o lazer e o lúdico são componentes essenciais para o bem – estar, ou seja, projectos que visem uma melhor qualidade de vida.



32- Associação *Juventude Antoniana*. Fotografia de Carina Silva.



33 e 34 - Noite de fado, Associação *Juventude Antoniana*. Imagens retiradas do site www.juventudeantoniana.pt



35-Centro Cívico de Santo António. Imagem retirada do site www.jf-santoantonio.pt



36 e 37



36 a 38 – Actividades do *Centro Cívico* de Santo António. Marchas Populares; Aulas de ginástica e pintura. Imagens retiradas do site www.jf-santoantonijo.pt.



39, 40 e 41 – Actividades do *Centro Cívico* de Santo António. Épocas festivas. Imagem retirada do site www.jf-santoantonio.pt.



42 - *Centro Cultural* de Santo António. Fotografia de Carina Silva.



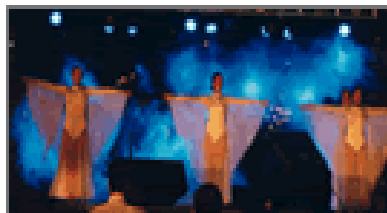
43



43 e 44 – *Centro Cultural* de Santo António - imagens retiradas do site www.ccsantoantonio.net



45



45 a 48 – Actividades do *Cento Cultural* de Santo António: Grupo folclórico; Teatro; Dança; Maqueta. Imagens retiradas do site www.ccsantoantonio.net.



49 - Centro Social e Paroquial de Santo António (*Centro de Dia*). Fotografia de Carina Silva.



50 a 52 - Algumas das actividades do Centro Social e Paroquial de Santo António. Trabalhos manuais: costura e pintura. Fotografias de Carina Silva.

2. Criação de um espaço – galeria e outras actividades “Remodelar”? “Recuperar”? “Reabilitar”?

2.1. Uma casa na freguesia de S. António

Ao estudar, arquitectonicamente, uma casa do fim do século XIX, temos como principal objectivo: procurar dar à casa uma utilidade e “não a deixar morrer”.

Pretendemos perceber toda a obra, desde a sua construção primitiva, até à presente data, para depois, num futuro, podermos atribuir algum significado à sua existência.

“Um sonho” é o que nós chamamos a este nosso projecto...

À freguesia de Santo António, que nos viu nascer, desejamos poder servir com o nosso humilde contributo.

Esta freguesia do Funchal, que por sinal é a mais populosa, contudo é a mais pequena, no que se refere a espaços dedicados à cultura.

Neste momento, a casa encontra-se “sem destino predeterminado”, aguardando “um fim”, que esperamos, não seja o da “morte súbita... e/ou lenta...”

Assim, a pensar nesta freguesia, e no aproveitamento de um determinado espaço, depositamos a esperança em que “Nós e a Casa” possam ser úteis à mesma, bem como a toda a Madeira. Criar um espaço – galeria, uma livraria e possíveis actividades comerciais, entre outras, fazem parte dos objectivos de um projecto futuro. Quem sabe... torná-la atraente para que o público, pouco habituado a conviver com a **ARTE**, possa ser induzido a fazê-lo.

2.1.1. Breve enquadramento histórico da época da construção do imóvel

A fase ascendente da produção açucareira, entre 1450 e 1506, atingiu o auge de produção em 1506. Nos anos seguintes o declínio foi rápido. A partir de 1521 a tendência descendente foi global. A década de trinta do século XVI marcou definitivamente a crise económica açucareira. Esta crise deveu-se à carência de adubos, desafeição do solo à cultura, alterações climáticas e concorrência do açúcar das Canárias, Antilhas e S. Tomé. A cultura da vinha tornou-se predominante a partir dos fins do século XVI, ocupando o lugar deixado vago pela *“moribunda cultura sacarina”*.²³

“A partir da primeira metade do século XVII verificou-se um acréscimo no desenvolvimento da cultura do vinho na Madeira, (...) Este novo surto económico trouxe à cidade do Funchal algumas particularidades que lhe são inerentes, como as características latadas de vinha, que até aos finais do século passado povoavam a paisagem urbana desta urbe”.²⁴

A crise açucareira impulsionou a produção vinícola, destinada quase exclusivamente à exportação. A monocultura da vinha promoveu a chegada à Ilha de muitos estrangeiros, na sua maioria ingleses. A vinda destes provocou uma mudança nos padrões socioculturais e de mentalidade. *“Os reflexos desta presença ainda são visíveis em muitos espaços da cidade principalmente nos arredores, onde adoptaram ao seu gosto as antigas casas solarengas adquiridas por via de política de desamortização dos seus senhorios.”*²⁵

²³ SERRÃO, Joel, “Madeira” em SERRÃO, Joel (direcção de), *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, p. 128

²⁴ VASCONCELOS, Teresa, *O Plano Ventura Terra e a modernização da cidade do Funchal (primeira metade do século XX)*, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008

²⁵ VIEIRA, Alberto (coordenação de), *História da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 2001, p. 139

A dependência da economia madeirense face à cultura da vinha fomentou frequentes crises de carências alimentares e forte dependência do exterior. Os episódios de crise levaram ao aumento da emigração. Os madeirenses procuravam melhores condições de vida na América, principalmente do Sul, à semelhança dos portugueses em geral, dada a facilidade da língua. Os destinos mais frequentes, em meados do século XIX, eram Demerara, Antígua, St. Kitts, Brasil, Suriname e Trindade²⁶, locais onde, segundo Rui Nepomuceno, os madeirenses participaram no desenvolvimento económico e até social.

Na segunda metade do século XIX assistiu-se a uma crise económica, social e moral. *“Com o vinho agora excessivo e em baixa de preço, os rendimentos da terra entram em recessão e como é óbvio, assiste-se à transferência de muitos terrenos agrícolas para a propriedade dos ingleses, um processo que vai continuar por todo o século XIX. A crise também alastrou na estrutura social, onde a degradação económica conduziu rapidamente a um forte aumento do desemprego, da prostituição e da criminalidade.”*²⁷

Os estrangeiros que visitavam a Ilha descreviam *“(…) um Funchal de ruas estreitas, mal pavimentadas, casas modestas, sem vidros nas janelas, igrejas e conventos sem interesse arquitectónico. Um ambiente provinciano, sem nível cultural, denunciado pela mendicidade infantil, pela mesquinhez das lojas, a falta de higiene em quase todas as camadas e pela ausência completa de livrarias ou de edifícios destinados a espectáculos ou outras actividades culturais, com o único teatro, em 1880, transformado em armazém de vinhos.”*²⁸

A degradação era tanta que a Câmara se viu obrigada a proibir que os animais andassem livremente pelas ruas da cidade. Somente em meados do século XIX foram tomadas medidas eficazes, como o desentupimento e limpeza das ribeiras, lançamento de mais esgotos e até coimas e outras penas para quem não varresse os seus quintais,

²⁶ Informação do Governo Civil no Funchal. Relatório da Junta Geral, 31 de Maio de 1863, citado em SPRANGER, Ana Isabel; GOMES, Fernanda Ramos; GOMES, Eduarda Sousa, *Antologia de Textos – História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, SRE, 1984, p. 210

²⁷ NEPOMUCENO, Rui, *Uma Perspectiva da História da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2003, p., 227

²⁸ BRANCO, Maria dos Remédios Castelo, “Testemunhos de Viajantes Ingleses Sobre a Madeira”, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1989, citado em NEPOMUCENO, Rui, *Idem*, p., 228, 229

arrancasse árvores em sítios públicos ou não limpasse o leito das levadas que utilizava. Assim, e com as “ (...) praças ladeadas por árvores exóticas e com as famosas e floridas quintas que salpicavam as nossas encostas, só nas últimas décadas do século XIX o Funchal se tornou uma cidade com alguns encantos (...)”²⁹. Lentamente, a cidade foi-se transformando numa das mais asseadas da Europa.

Nos finais de 1890, o Funchal era uma cidade muito ruralizada, pobre, desordenada e com deficiências urbanísticas de toda a ordem. O porto não satisfazia as necessidades; o cais, porta de entrada que permitiu a proximidade com outras gentes desde a ocupação da Ilha, era um local “ (...) onde se cultivavam abóboras, pimpinelas e hortaliças, parecendo um lugar rústico e nunca arredores do cais da cidade, onde diariamente desembarcavam os nossos visitantes.”³⁰

Porém, e à semelhança com o que acontecia por todo o país e mundo ocidental, o Funchal sofreu algumas alterações. Após a elaboração do Relatório da Inspecção às Obras Públicas do Distrito do Funchal, em 1891, foi projectada a implementação de uma rede de esgotos. No dia 18 de Junho de 1897 foi inaugurada a luz eléctrica, no Funchal, com aproximadamente 500 lâmpadas de iluminação pública e algumas instalações particulares, dotando as habitações das classes mais favorecidas de maior comodidade.

A nível de transportes e comunicações também se realizaram melhorias: abriram-se novos caminhos, repararam-se os que estavam estragados, construíram-se pontes, calcetaram-se novas estradas, fizeram-se muros de suporte, limpavam-se caminhos e ribeiras, melhorou-se e expandiu-se a rede telegráfica na Ilha.

Em 1893 concretizou-se a construção do caminho-de-ferro do Monte, lançado por António Joaquim Marques e com a participação do capitão Manuel Alexandre de Sousa e dos engenheiros Raul Mesnier, Aníbal e Adriano Trigo. Esta obra tornou-se deveras relevante, dado permitir “(...) a ligação do centro da cidade com a freguesia

²⁹ NEPOMUCENO, Rui, *Idem*, p., 230

³⁰ CALDEIRA, Abel Marques, *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 2ª Edição, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1995, p. 13

do Monte, estância preferida dos estrangeiros e pela fina flor da sociedade funchalense.”³¹

Segundo o *Diário de Notícias*, de 26 de Janeiro de 1904, havia “ (...) *absoluta necessidade de promover (...) os progressos materiais que melhor contribuirão para o (...) aformoseamento, decência e confortabilidade (...)*”³² da cidade do Funchal. O Funchal, conhecido pelas excepcionais condições climáticas e sanitárias, era procurado por um grande número de estrangeiros que viam no Monte uma visita indispensável. Assim, nos finais do século XIX, procurou-se dotar a cidade com as infra-estruturas, necessárias, de saneamento básico. Pois atendendo ao que atrás referimos a Madeira, passou a ser um local de referência, para muitos estrangeiros e nacionais, que se deslocavam até à ilha com a finalidade de recuperar debilidades físicas e de saúde.

Foi no contexto de finais do século XIX, aqui descrito, que foi construído o imóvel em estudo, do qual faziam parte, além da habitação, terrenos para cultivo.

2.1.2. Breve estudo arquitectónico do imóvel

Proprietário do imóvel:

- Possivelmente, ligado à construção civil.

Inventário do imóvel arquitectónico: (fotografias 53 a 58)

- Levantamento fotográfico – fotografias de conjunto;
- Levantamento arquitectónico – plantas, os alçados e os cortes;
- Dados cartográficos – planta de localização do imóvel.

³¹ GOMES, Alberto Figueira, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. V, nº 30 – 1930, p. 30 citado em SPRANGER, Ana Isabel; GOMES, Fernanda Ramos; GOMES, Eduarda Sousa, *Antologia de Textos – História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, SRE, 1984, p. 169

³² *Diário de Notícias*, 26 de Janeiro de 1904 citado em FERNANDES, Abel; ALVES, Ângela; FERNANDES, Julieta, *Antologia de Textos – História da Madeira*, Funchal, Governo Regional da Madeira, SRE, 1984, p. 118

Identificação:

- Vila Pinto Correia, edificada em meados do século XIX por João Pinto Correia.

Localização Administrativa:

- Local/Endereço: Caminho da Terra Chã, nº 36
- Freguesia: Santo António
- Concelho: Funchal
- Distrito: Funchal

Função/Origem: Habitação de raiz – última metade do Século XIX;

- Prédio inicial com terrenos para cultivar;
- Nas primeiras décadas de 1900, existiu uma divisão de bens. Procedeu-se a algumas alterações/aumentos na construção do prédio;
- Em meados do Século XX, instalou-se a rede eléctrica, a água canalizada, o gás, etc.
- Função actual – Desabitada;
- Neste momento, o imóvel tem a área total de terreno 1000 m²;
- Estado de conservação – razoável (falta a manutenção de tectos, de soalhos e pinturas, entre outras).

Situação de propriedade do imóvel:

- Privada.

Caracterização arquitectónica:

- Edifício de habitação (arquitectura civil).

Descrição geral e pormenores importantes (características mais marcantes do imóvel:

- Planta de raiz: quadrangular com rés-do-chão e 1º andar. Aumento posterior: salão, na fachada a oeste.

Exterior (telha, cantarias, janelas, portas): (ver anexos)

- Telhado: telha de Marselha em cimento colocada em losango;
- Portas e janelas emolduradas em cantaria. Tapas sóis com bilhardeiras (pintados em verde escuro) e janelas de guilhotina;
- Os Quartos localizados no rés-do-chão e cozinha com comunicação directa para o exterior.

Interior (tectos, portas, corredor, escada com corrimão e sótão com estrutura do telhado à vista): (ver anexos)

- Quartos principais (sala de estar, sala de jantar e quartos de dormir) com tectos em estuque, trabalhados no centro em relevo, com motivos vegetais;
- Salão com tecto revestido em chapa de cobre, com motivos vegetais (actualmente o cobre está pintado);
- Portas interiores, inicialmente envernizadas, das quais restam duas. As outras encontram-se pintadas;
- Escada directa do exterior para interior, servindo de acesso ao piso superior;
- No interior do rés-do-chão existe um corredor, com escada de acesso ao piso superior;
- No 1º andar existe um corredor de acesso aos quartos e escadaria de acesso ao sótão.

Na tentativa de uma possível caracterização da tipologia do imóvel, procurámos algumas referências em VITOR MESTRE, que, no seu livro *Arquitectura Popular da Madeira*, faz alusão a algumas tipologias/caracterização de casas. Assim, passamos a referir:

Casa elementar de dois pisos

“ evoluiu em vários tipos, sendo o mais vulgar aquele que aproveita o desnível natural do terreno, ganhando assim mais um piso,(...)A casa elementar de dois pisos é muito frequente em toda a ilha. O modelo original (ou mais antigo) aproxima – se de um edifício que transmite uma leitura de volume, robusto mas harmonioso;”

Casa complexa de cobertura de telha

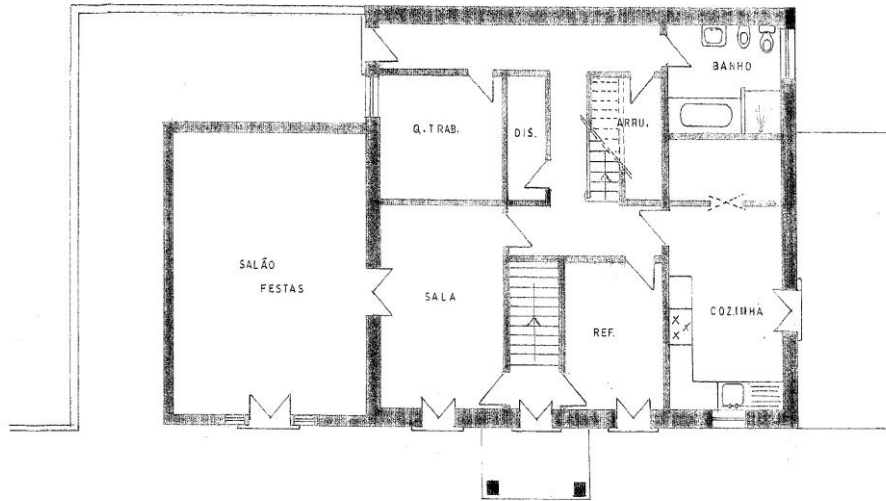
“Corredor associado a uma entrada centralizada, por vezes com alpendre acentuando a fachada simétrica (...)interiormente destaca-se ainda a amplitude dos compartimentos, quer na largura, quer na altura.”

Casas modernas

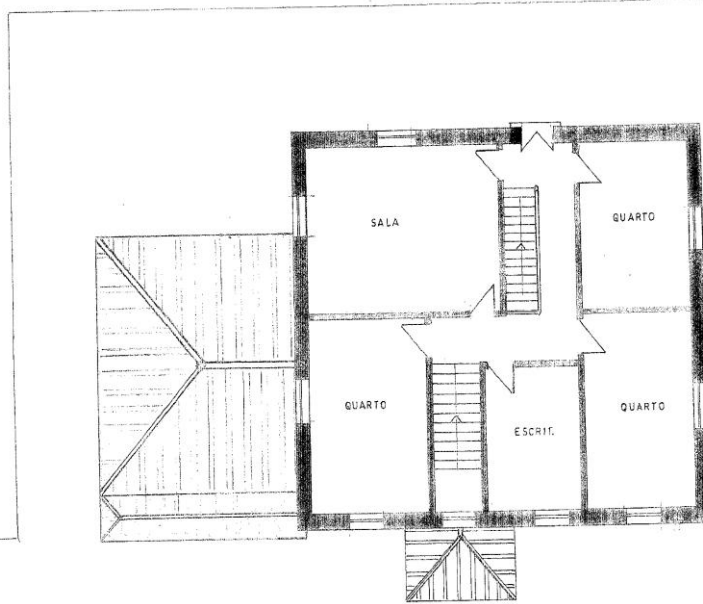
“ Apresentam-se como se fossem decalcadas dos «modelos tradicionais», quase como suas réplicas. A maioria das tipologias são elementares, de um ou dois pisos, com cozinha integrada, ...”

Refere também “*aspectos formais*” como portas altas, telhado de Marselha ou telha de cimento (colocada em losango).

Após breve apontamento sobre o estudo do imóvel, a nossa atenção incidirá sobre as problemáticas: O edifício; Como adaptá-lo a novas funções? O estado de conservação e como: “*remodelar*”?” “*Recuperar*”?” “*Reabilitar*”?” E ainda como realizar construções novas junto de obras construídas no passado?



PLANTA DO R/C



PLANTA DO 1º ANDAR

53 e 54 - Planta (actual) R/ C e 1º Andar.



55 - Vista Oeste – Sul



56 - Vista Norte



57 - Vista Sul



58 - Vista Este (55 a 58, vistas do edifício). Fotografias de Eduarda Almada.

2.1.3. “Remodelar”, “Recuperar”, “Reabilitar”

Para procurar responder às questões atrás mencionadas, procuraremos clarificar alguns conceitos e definir critérios para decidir que opções tomar perante problemáticas tão complexas.

Ao falarmos de **património**, referimo-nos a ideias (conceitos), formas e sensações que, herdadas e acumulando-se na história, formam o nosso passado. Não esquecendo, porém, a necessária protecção que as entidades governamentais e todos nós temos em salvaguardar o património. Pois assim poderemos compreender melhor todo um passado que ajudará no reconhecimento de uma identidade.

A ideia de preservação de património arquitectónico é fluida, as teorias evoluem, por este motivo é necessário repensar e ponderar como intervir nestas situações.

A “*Reabilitação*” e “*recuperação*” são denominações cada vez mais usadas nos procedimentos que visam requalificar (intervenção que visam o melhoramento de habitabilidade e/ou a funcionalidade) um edifício.

Antes de continuar, gostaríamos de citar Fernando Távora: “*o conceito de «monumento» vigente entre nós terá de ser amplamente revisto no sentido de ultrapassar este ou aquele edifício mais ou menos erudito, de história mais ou menos conhecida, para abarcar ambientes mais vastos e edifícios mais humildes;*”³³.

Monumento é o que nos evoca, rememora, exalta um sítio, uma data, tendo sido este concebido ou não com esse propósito.

³³ in “Organização do Espaço”, por Fernando Távora, Edições do Curso de Arquitectura E. S. B. A., 2ª Edição, Porto, 1982, p., 70, em “Arquitectura Ibérica Reabilitação”, nº 12, p., 46.

Actualmente o estudo de edifícios antigos revela-se mais abrangente. Isto no sentido de que não se cinge, apenas, a uma visão limitada de conservadorismo de monumentos grandiosos e edifícios públicos relevantes, mas também englobando outros edifícios, desde os comerciais, industriais a habitacionais.

Denota-se um maior interesse no que diz respeito à protecção do património, bem como a uma preocupação em recuperar o conhecimento das técnicas usadas outrora.

A importância desta abrangência reside no facto de estes edifícios, pelos seus contextos e memórias, ajudarem a compreender como o homem, ao longo dos anos, se organizou, viveu e trabalhou.

Estes edifícios antigos reportam-se àqueles que foram construídos antes do chamado *“advento do betão armado como material estrutural dominante, ou seja, antes do aparecimento do cimento Portland. Segundo João Appleton: A Razão de ser desta definição limitadora relaciona-se com o facto de ter sido o betão armado o responsável por rápidas e profundas alterações nos procedimentos habituais de construção de edifícios (...)”*

Esta época, *do betão armado*, vem, de facto, marcar uma rutura com o passado. As potencialidades deste novo material, cuja característica principal é o de ser moldável que lhe permite dar a forma que a imaginação inventar.

Contudo, o desenvolvimento da *“produção industrial do ferro e do aço, a partir do século XIX, não se traduziu no nosso país em alterações substanciais dos hábitos construtivos, a não ser na produção de edifícios industriais já que, de resto, o uso do ferro continua a ser concentrado em pequenos elementos, estruturais e não estruturais de origem antiga e correspondente ao ferro forjado.”*³⁴

Com o advento do betão armado (usado com maior significado no século XX, nos finais dos anos quarenta) e à medida que os vários técnicos iam conhecendo as potencialidades desse material, dá-se uma reviravolta na construção que irá afectar

³⁴ APPLETON, João, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias de Intervenção*, Edições Orion, 1ª Edição, Setembro de 2002, p.,2.

toda uma tradição de técnicas que permaneciam paradas no tempo, caindo estas no esquecimento. A partir de então, começam os problemas de degradação dos edifícios antigos, todavia, a par desta situação, também se denota algum interesse no que diz respeito à preservação destes.

Surge a preocupação, por parte de alguns arquitectos, em procurar estudar estes edifícios do passado, bem como a participarem em trabalhos que visavam advertir a necessidade de os salvaguardar.

Estudos neste âmbito têm vindo a ser realizados, pese embora, em ritmo lento, mas de forma gradual, isto porque até há pouco tempo só havia a preocupação em caracterizar materiais usados; analisar anomalias, entre outras, em monumentos e/ou edifícios relevantes.

Há um maior cuidado em se fazer estudos técnicos e científicos ao nível do comportamento de materiais e elementos de construção de edifícios antigos. Ora, o que consideramos importante é o facto de as técnicas tradicionais demonstrarem que na continuidade de um saber, especializado pela prática, numa procura constante de soluções de qualidade, apoiadas no grande conhecimento dos materiais, permitiram ao homem dispor do uso adequado dos mesmos, bem como aprimorar a forma de trabalhar.

Presentemente nota-se, por parte de entidades nacionais e internacionais, um maior interesse em procurar recuperar o conhecimento das técnicas tradicionais menosprezado durante anos, o que advém de uma tomada de consciência da necessidade de salvaguardar o património.

Por isso, segundo opinião de muitos técnicos, é imprescindível, nas intervenções realizadas em edifícios antigos, ter sempre em conta os materiais tradicionais usados. Todavia, também é relevante que se façam estudos, quando possível, sobre a utilização, em simultâneo, de materiais tradicionais, bem como de materiais inovadores.

É verdade que muito se tem feito. Contudo, nunca é demais que nos interroguemos, sendo que cabe a todos nós ter uma palavra a dizer sobre questões

desta natureza, procurar soluções para os nossos projectos de forma reflectida e sustentável.

A preservação dos valores culturais do passado representa a expressão da identidade de um povo.

2.2. Reabilitação / intervenção num edifício construído

A reabilitação de um edifício subentende que, para além da resolução das possíveis anomalias construtivas, há, também, a necessidade de adaptá-lo tomando um conjunto de medidas, de forma a promover a sua funcionalidade.

Creemos ser importante referir que toda a intervenção a ser feita não deverá afectar a estrutura e/ou infra – estrutura do edifício construído. Como já o dissemos, agora falamos de reabilitação e intervenção.

A um edifício do passado é-lhe subjacente um valor cultural que, necessariamente, terá de ser compreendido para poder ser **projectado no futuro**. Entendendo o valor simbólico; arquitectónico e, porque não, o valor afectivo, poderemos evitar situações de perda de dignidade, quer no que se refere à construção do passado, quer a qualquer construção nova, necessária para a concretização do projecto.

Assim, poderemos evitar intervenções menos felizes. Contudo, ao intervir num edifício construído, será necessário um acompanhamento contínuo da obra, a fim de colmatar possíveis situações, que, inicialmente, não previstas no projecto, no entanto, poderão ser relevantes para **equilibrar, dignificar** o conjunto final, ou seja, a concretização do projecto.

Hoje, num universo sujeito às forças da globalização, e quando, cada vez mais, se procura a identidade cultural (esta por vezes manifesta-se aliada a um sentimento de valorização dum certo ponto de vista ideológico e à anulação das culturas das

minorias), é fundamental ter em conta a ideia de autenticidade, no que se refere à prática da preservação e/ou conservação, que consiste em elucidar, bem como pôr em evidência a memória colectiva da humanidade.

2.2.1. Protecção do património

*“Conservar o passado como instrumento de futuro, sempre em torno e ao serviço da comunidade”*³⁵.

A nível mundial têm acontecido reuniões de trabalho com especialistas, no sentido de discutir questões ligadas à conservação do património cultural, nomeadamente, no que se refere ao respeito pela diversidade das culturas e dos patrimónios, aquando da sua conservação.

É importante realçar um princípio primordial da UNESCO que assenta no facto de que o património cultural de cada um é o património cultural de todos nós. Neste sentido, a responsabilidade pela sua conservação, em primeira instância, é da comunidade que a criou e, depois, dos incumbidos pela sua preservação.

Ao falarmos de reabilitação, necessariamente, temos de falar das “cartas em defesa do património”, estas são de todo relevantes.

O conceito de autenticidade presente na “*Carta de Veneza*”, 1964, nasce como resposta ao crescente interesse e preocupações inerentes ao património cultural. A compreensão deste conceito pressupõe um papel fundamental em todos os estudos científicos sobre património cultural.

A Carta de Veneza e/ou Carta Internacional Sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (1964) refere:

³⁵ ANICO, Marta e PERALTA, Elsa, *Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Editora Celta, Oeiras, 2006, p., 200.

“ (...) A humanidade tem vindo progressivamente a tomar maior consciência da unidade dos valores humanos e a considerar os monumentos antigos como uma herança comum, assumindo colectivamente a responsabilidade da sua salvaguarda para as gerações futuras e aspirando a transmiti-los com toda a sua riqueza e autenticidade.

É essencial que os princípios orientadores da conservação e do restauro de edifícios antigos sejam elaborados e acordados a nível internacional, ficando cada país responsável pela sua aplicação no âmbito específico do seu contexto cultural e das suas tradições.” (Cit. Appleton, 2003:347)

Nas suas definições:

ARTIGO 1:

“O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitectónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer ás grandes criações, quer as realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo” (Cit. Appleton, 2003:348).

ARTIGO 5:

“A conservação de monumentos é sempre facilitada pela sua utilização para fins sociais úteis. Esta utilização, embora desejável, não deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É apenas dentro destes limites que as modificações que seja necessário efectuar poderão ser admitidas” (Cit. Appleton, 2003:349).

Na *carta Europeia do Património Arquitectónico e/ou Declaração de Amesterdão* (adoptada e proclamada pelo *Congresso de Amesterdão e aprovada pelo Conselho da Europa, 1975*) o conceito de património arquitectónico tornou-se mais abrangente do que até então, por não se dar somente importância à arquitectura

monumental, mas também a edifícios que, isoladamente ou em conjunto, (pela sua antiguidade e autenticidade) contêm uma parte da história do homem.

Nesta declaração, também, se procurou consciencializar os cidadãos para a importância dos valores culturais, sociais e económicos, quer de monumentos, quer de edifícios mais humildes de um tempo pretérito. Estes podem e devem constituir uma mais valia como testemunho de um passado.

*“A arquitectura popular madeirense”, “Ainda que por vezes transmita uma impressão rudimentar, esta arquitectura não deixa de surpreender pelas soluções encontradas, face à exiguidade de meios, à extrema dificuldade territorial e à endémica falta de recursos económicos. (...) essencialmente dispersa no território, é ainda um contributo valioso na humanização da paisagem, constituindo um elo de ligação entre o Homem e a Natureza”.*³⁶

Assim, pensamos que apostando na sua reabilitação, abrindo perspectivas para a viabilidade da sua manutenção na actualidade, poder - se - á evitar situações de perda de dignidade, bem como preservar *valores da Arquitectura Popular* - tipologias e modos de construção em edifícios de outrora .

³⁶MESTRE, Victor – *Arquitectura Popular da Madeira*, Editora Argumentum, Lisboa, 2002, p., 30.

2.2.2. O local de implementação do projecto (imagens 59,60 e 61)

Este projecto tem em conta o local de implementação do espaço, Freguesia de Santo António. Esta revela um grande crescimento demográfico, contudo, muitas das pessoas que aqui vivem actualmente, já não são naturais deste sítio. A Freguesia cresceu, edifícios foram construídos, formaram-se bairros habitacionais, foram abertas novas estradas. Embora, a construção desenfreada, nesta freguesia, seja um facto a verdade é que se pode, ainda, preservar muitas destas construções.

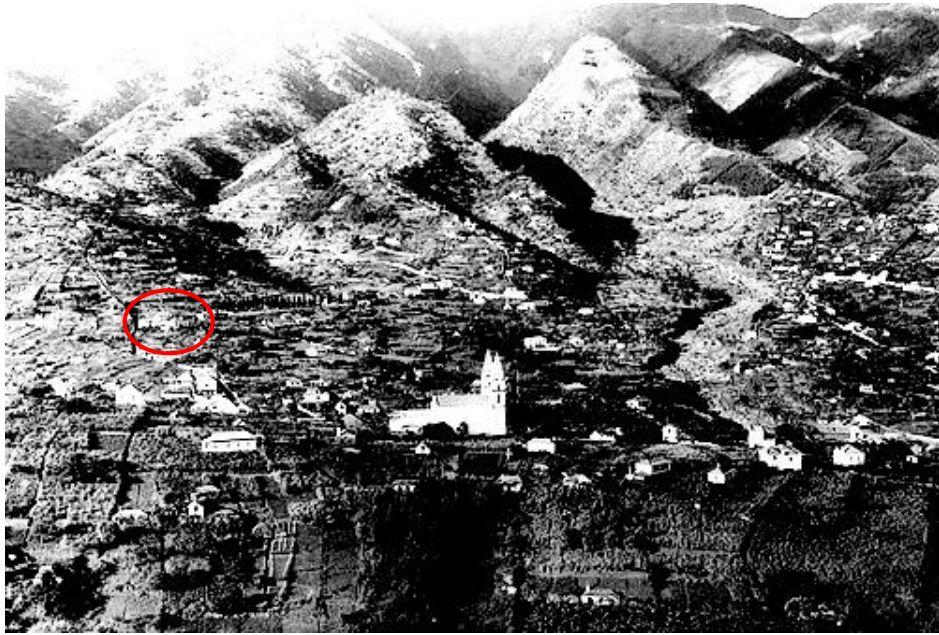
Perante este cenário, resta dizer que a oferta ao nível de espaços culturais, numa primeira análise, parece revelar-se fraca. Nasce daí a ideia da importância de reconhecer a oportunidade do projecto.

A criação de um espaço alternativo integra-se num conjunto de intervenções que visam, por um lado, a valorização do património arquitectónico, neste caso e por outro facilitar o acesso à cultura num edifício que, na sua génese não pretendia ser cultural mas que, fruto de um desejo pessoal, ganha uma nova utilidade.

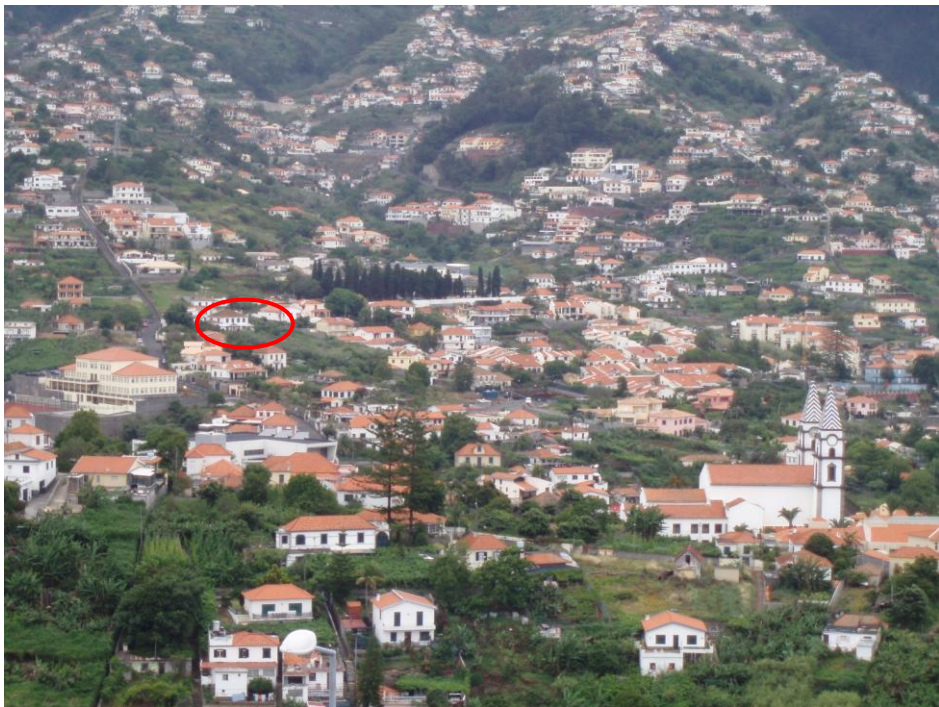
*A recuperação e reutilização de um edifício, adaptando-o a novas funções, surgem como uma necessária atitude de natureza cívica. Aqui, cabe aos arquitectos, com a sua responsabilidade e instrumentos específicos, intervirem com ética, actuando com honestidade. Porque, assim entendida, a recuperação da casa leva-nos à ideia de que: “a procura de uma nova viabilidade para o existente traduz uma necessária predisposição ecológica no usufruto contemporâneo da cidade.”*³⁷

Assim, passaremos a referir alguns apontamentos que julgamos necessários para a concepção do nosso projecto.

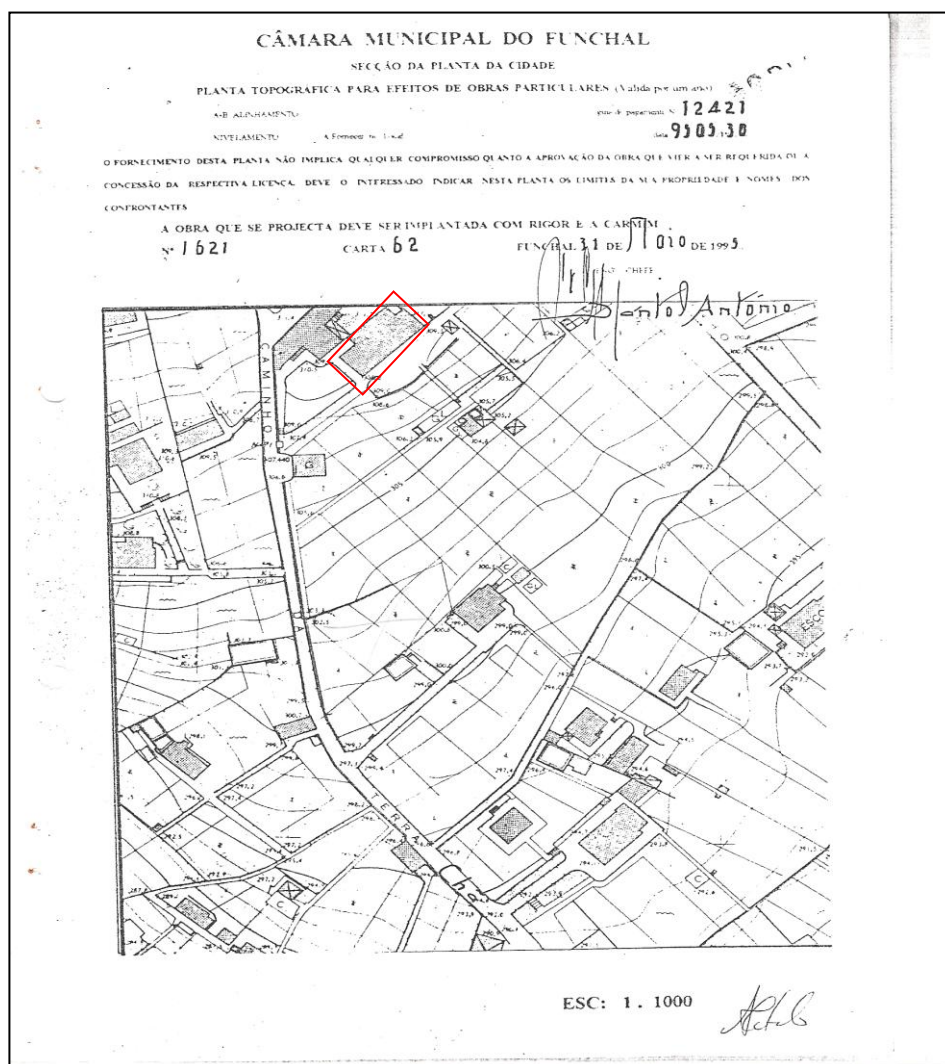
³⁷ in “Apologia da Casa Recuperada”, por Jorge Figueira em *Casas Recuperadas*, Edições Caleidoscópio, Junho de 2006, p.4.



59- Santo António, meados de 1900. Imagem retirada do site www.if-santoantonio.pt



60 – Santo António, Junho 2007. Fotografia de Eduarda Almada.



61 – Santo António/Implantação do espaço. Planta topográfica, Câmara Municipal do Funchal.

2.2.3. Apontamentos para um projecto

Creemos ser necessário, antes de mais, referir o valor emotivo e /ou afectivo que nos liga ao edifício, e ao propósito do referido projecto. Realizar um sonho que se foi construindo no tempo. Às memórias de um passado e à oportunidade vislumbrada, surge-nos a possibilidade de, no futuro, apresentarmos um projecto que julgamos ser uma mais valia para a Freguesia de Santo António, assim como, para toda a Região Autónoma da Madeira.

A dinamização de um espaço alternativo que faça realçar a importância de um local, onde as pessoas possam usufruir de serviços especializados e qualificados, bem como a oportunidade de um maior convívio social e cultural.

Também é nosso desejo dotar este espaço com atractivos - música, entre outros - tornando o ambiente agradável, e, por outro lado, procurar reabilitar uma gastronomia madeirense, com base em *heranças familiares*. Contudo, a inovação, o requinte e a qualidade serão ingredientes primordiais para propiciar uma alimentação gostosa e saudável.

A nossa primeira preocupação será com o edifício. Numa fase inicial, a atenção incidirá no rés-do-chão. Pois, haverá a necessidade de adaptá-lo às novas funções: galeria; livraria, bem como à remodelação do espaço destinado à cozinha e serviços de apoio afins. Outro aspecto a ter em conta, é sem dúvida o espaço novo a ser implantado – *jardim de Inverno* - destinado ao café/restaurante.

Quanto ao primeiro andar, a longo prazo, serão estudadas novas possibilidades para a sua utilização.

Os primeiros estudos e /ou a concepção primeira deste projecto, são a base necessária para que, quando este seja apresentado a serviços técnicos responsáveis pelo seu andamento, estes possam apreciar e aperfeiçoar/apresentar soluções para a concretização do mesmo.

2.2.3.1.A primeira ideia/Ante projecto (imagens 62, 63 e 64)

Tendo a ideia definida do que pretendemos com o projecto e o nosso interesse em preservar a construção, bem como incluir a construção nova, nasceu o esboço que poderá ser a base para o futuro projecto. Assim, passaremos a apresentar uma memória descritiva do mesmo.

Contudo, em primeiro lugar, é importante referir que projectos desta natureza requerem um profundo estudo a nível da construção do edifício, situação que nos ultrapassa, ficando este a cargo de técnicos especializados. Todavia, queremos ressaltar que entendemos ser relevante demarcar a intervenção num aspecto fundamental: defender o seu carácter – equilíbrio entre o edifício construído e o novo – criando as condições compatíveis com aquilo que se pretende.

Enfim, Qualquer intervenção arquitectónica terá de ter necessariamente presente o desafio de representar um todo a partir dos diversos pormenores que o integram e se diferenciam entre si (na função, na forma, no material e na dimensão).

“A Casa de Santo António” passará por algumas adaptações, nomeadamente com uma nova redistribuição dos espaços: galeria; livraria, cozinha e zona de serviços. O projecto prevê a articulação e funcionalidade dos espaços interiores do rés – do – chão; reabilitação e remodelação adequada em termos das necessidades afins.

Assim, este edifício de finais dos séculos XIX, inícios do século XX, conservará o seu **carácter original**. Como já mencionado anteriormente, o ponto de partida para este projecto tem como objectivo principal valorizar o que existe, adaptando-o às novas funções. Por outro lado, aproveitando, se possível, o espaço localizado a Este – Sul, no espaço/ jardim, será implementado um **jardim de Inverno**, onde funcionará o café/ restaurante, cuja estrutura poderá ser em aço, com painéis verticais em vidro, obtendo assim um aspecto ligeiro e distinto do edifício existente.





63



62, 63 e 64 – Ante – Projecto. (alsdesign L.da)

3. Considerações finais

Uma residência de família, com origens nos finais do século XIX, na Freguesia de Santo António, foi o centro em volta do qual conduzimos a nossa investigação. Fizemos algumas interrogações e procurámos fundamentar a viabilidade do nosso projecto no qual estão contidas algumas reflexões sobre a sociedade actual e a cultura.

Analisámos alguns espaços alternativos da actualidade, e apurámos a situação actual da referida Freguesia, no que diz respeito a espaços culturais existentes.

Como referimos, ao longo do trabalho, pensamos que este tipo de estruturas alternativas, a par das programações institucionais, poderá ser útil como estratégia para oferecer programas exequíveis, a fim de atrair um público pouco habituado a conviver com a arte.

No entanto, estamos conscientes das fragilidades que estas estruturas apresentam, nomeadamente ao nível orçamental, podendo este problema ser colmatado com um plano estratégico de apoio, de *marketing*, como suporte para os eventos culturais, bem como ao nível dos desafios da actualidade - um mundo de contradições - onde o que, realmente, importa, pensamos nós, é estarmos conscientes desta actualidade. Isto é, através da reflexão, procurar agir de forma crítica e autocrítica, sendo assim desenvolvidos os nossos entendimentos teóricos, concretizáveis em projectos.

Por fim, incidimos a nossa atenção no espaço arquitectónico, reflectimos sobre algumas questões relacionadas nesse âmbito, e assim, desenvolvemos a nossa ideia.

Reconhecemos também a importância de uma acção, onde serão necessários técnicos especialistas, quer no que respeita à reabilitação do edifício como também à concepção dos diferentes serviços a serem implementados.

Julgamos que com esta investigação lançámos as premissas, ou seja, os alicerces para o desenvolvimento do projecto. Sublinhe-se que tudo leva o seu tempo, se pretendermos conceber projectos consistentes, viáveis e sustentáveis.

BIBLIOGRAFIA

ANICO, Marta e PERALTA, Elsa, (organizadoras) *Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Celta Editora Celta, Oeiras, 2006.

APPLETON João, *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias de Intervenção*

CANCLINI, Néstor Garcia, *A Globalização Imaginada*, São Paulo, Brasil, Editora Iluminuras Lda., 2003.

CUCHE, Denys, *A Noção de Cultura Nas ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal. Lda., 3ª Edição, 2006.

DIONÍSIO, Eduarda., FARIA, A., MATOS – L. S., *Situação da Arte – inquérito junto de artistas e intelectuais portugueses*, Lisboa, Publicações Europa – América, col. Estudos e Documentos nº 45, 1967.

ESQUENAZI, Jean – Pierre, *Sociologia dos Públicos*, Porto, Porto Editora, 2006.

FRANÇA, José – Augusto, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX (1910 – 2000)*, Lisboa, Livros Horizonte Lda., Setembro, 2000.

MESTRE, Victor, *Arquitectura Popular da Madeira*, Editora Argumentum, Lisboa, 2002.

NEVES, José Manuel das, *Casa Recuperadas*, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, Junho 2006.

NEVES, José Manuel das, *Arquitectura Ibérica N.º 12, Reabilitação*, Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, SA, Janeiro/Febrero 2006.

NEVES, José Manuel das, *Arquitectura Ibérica N.º 19 – Reabilitação*, Caleidoscópico – edição e Artes Gráficas, SA, Março 2007.

O'DOHERTY, Brian, *No Interior do Cubo Branco: A Ideologia do Espaço da Arte*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Lda., Setembro, 2000.

WARNIER, Jean, Pierre, *A Mundialização da Cultura*, Editorial Notícias, Lisboa, 1.^a Edição, 2000.

RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane, *A Cidade: Rumo a uma Nova Definição*, Edições Afrontamento, Porto, Maio de 2004.

RIBEIRO, António Pinto, *Ser feliz é imoral? Ensaio sobre cultura, cidades e distribuição*, Lisboa, Edições Cotovia, Lda., 2000.

SARDINHA, Idalina, *A Fruição da Arte, Hoje*, 1.^o Edição, Celta Editora, Junho de 2007.

SILVA, Augusto Santos, *Cultura e Desenvolvimento: Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*, 1.^o Edição, Celta Editores, Lda., Setembro de 2000.

Obras de História da Madeira

BRANCO, Maria dos Remédios Castelo, “Testemunhos de Viajantes Ingleses Sobre a Madeira”, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1989, citado em NEPOMUCENO, Rui.

CALDEIRA, Abel Marques, *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 2ª Edição, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1995.

CARITA, Rui, *História da Madeira*, 5º vol., O Século XXVIII: economia e sociedade, Funchal, Secretaria Regional da educação, 1999.

CÉSAR, Dr. CÉSAR Figueira, *Ilha da Madeira, Paraíso Terrestre*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1985.

NEPOMUCENO, Rui, *Uma Perspectiva da História da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2003.

SPRANGER, Ana Isabel, GOMES, Fernanda Gomes, Gomes, Eduarda Sousa, *Antologia de Textos, História da Madeira*, Funchal, Edição Secretaria Regional de Educação, 1985.

SERRÃO, Joel, “Madeira” em SERRÃO, Joel (direcção de), *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas.

VASCONCELOS, Teresa, *O Plano Ventura Terra e a modernização da cidade do Funchal (primeira metade do século XX)*, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008.

VIEIRA, Alberto, (Coordenação) – *História da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional de Educação, 2001.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

O PÚBLICO, 9 de Dezembro de 2000.

O PÚBLICO, 05 de Novembro de 2002.

O PÚBLICO, 27 de Dezembro de 2002.

O PÚBLICO, 18 de Abril de 2003.

O EXPRESSO, 8 de Dezembro 2001.

FONTES ELECTRÓNICAS

Associação Juventude Antoniana, www.juventudeantoniana.pt [Consultado Maio de 2007]

Casa da Cerca, <http://www.Casa da Cerca. com> [Consultado em Abril de 2007]

Centro Cultural de Santo António, www.ccsantoantonio.net [Consultado em Maio de 2007]

Centro Cívico de Santo António, <http://www.jf-santoantonio.pt> [Consultado em Maio de 2007]

Maus Hábitos, <http://www.maushabitos.com> [Consultado em Abril de 2007]

Outras Fontes

Almada, Maria Eduarda, Entrevistas aos responsáveis dos “Espaços/Galeria” (na Madeira), Funchal, Dezembro 2007.

ANEXOS



1



1,2 – Portas emolduradas em cantaria. Fotografias de Eduarda Almada.



3



4



5



3 a 6 – Tapas sóis com bilhardeiras e janelas de guilhotina. Fotografias de Eduarda Almada



7



7, 8 – Tecto revestido em chapa de cobre (Salão de Festas). Fotografias de Eduarda Almada.



9



10



11



9 a 12 - Tectos em estuque, trabalhados no centro em relevo. Fotografias de Eduarda Almada.



13



13, 14 – Portas interiores inicialmente envernizadas. Fotografias de Eduarda Almada.



15 – Escada directa do exterior para o interior, acesso ao piso superior. Fotografia de Eduarda Almada.





16, 17 – Corredor de acesso aos quartos. Fotografias de Eduarda Almada.





19



18 a 20 – Pormenores do interior, escada de acesso ao piso superior. Fotografias de Eduarda Almada



21



21, 22 – Pormenores do sótão, estrutura do telhado à vista. Fotografias de Eduarda Almada.



23 – Escada de acesso ao sótão. Fotografia de Eduarda Almada.